

Ciberespaço: uma nova configuração do ser no mundo

Cyberspace: a new configuration of being in the world

Ciberespacio: una nueva configuración del ser en el mundo

*Taziane Mara da Silva**

*Talita de Oliveira Teixeira***

*Sylvia Mara Pires de Freitas****

Resumo

Através do movimento dialético, o homem sartriano, histórico e social, constrói sua existência. Cada era elucida a maneira como ele a manufaturou, e as posteriores revelam o projeto perseguido até então. Na Pós-Modernidade, uma nova síntese entre liberdade e facticidade é realizada: a criação do ciberespaço. Neste artigo, buscamos refletir, à luz do existencialismo sartriano, sobre o ciberespaço como o resultado de mais uma transcendência humana da facticidade que o determina, haja vista ser esse espaço virtual a objetivação de práxis que superam limites espaçotemporais, relacionais e materiais que se impõem à liberdade humana. Contudo, hoje, a Era do Conhecimento já se fez história, logo tudo que a identifica, como o ciberespaço, apresenta-se como contradição a ser superada e, a cada transcendência, novas sínteses são criadas, o que configura novos estilos de projetos de ser no mundo.

Palavras-chave: Ciberespaço. Era do Conhecimento. Psicologia Existencialista Sartriana.

Texto recebido em novembro 2012 e aprovado para publicação em junho de 2014.

*Especialista em Psicologia do Trânsito pela Universidade Estadual de Maringá, psicóloga. Endereço: Avenida Guarani, 2375 - Zona IV, Umuarama-PR. CEP: 87504-030 - *E-mail:* taziane-mar@hotmail.com.

**Cursando a Especialização Lato Sensu sobre Política Nacional de Assistência Social na Perspectiva do SUAS, psicóloga na Instituição Fraternidade Aliança Toca de Assis e na Empresa de Consultoria e Treinamento PsiCoach. Endereço: Rua Augusto de Mari, 2057 - Guaíra, Curitiba-PR, CEP: 80630-010. *E-mail:* talitaoliveira@hotmail.com.

***Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, mestra em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, docente da Universidade Estadual de Maringá. Endereço: Avenida Colombo, 5790, bloco 118 – UEM - Jardim Universitário, Maringá-PR. CEP: 87020-900. *E-mail:* sylviamara@gmail.com.

Abstract

Through the dialectic movement of Sartrean man, historical and social, constructs his existence. Each age elucidates the way it was manufactured, and later reveal pursued project so far. In postmodernity a new synthesis between freedom and facticity is performed: the creation of cyberspace. In this article we examine, based on Sartre's existentialism, about cyberspace as the result of another human transcendence of factuality that determines, virtual space as this objectification of praxis that exceed limits of spatiotemporal relational and materials confronting human freedom. But today, the Knowledge Age has already become history and all that identifies it, as cyberspace, is presented as a contradiction to overcome transcendence, new synthesis is created, establishing new styles of projects in the world.

Keywords: Cyberspace. Knowledge Age. Sartre's Existentialist Psychology.

Resumen

Por medio del movimiento dialectico el hombre sartreano, histórico y social, construye su existencia. Cada era desvela la manera como él la manufacturó, y las posteriores revelan el proyecto perseguido hasta entonces. En la Posmodernidad se realiza una nueva síntesis entre libertad y facticidad: la creación del ciberespacio. En este artículo se reflexiona, con base en el existencialismo sartreano, sobre el ciberespacio como el resultado de más una transcendencia humana de la facticidad que lo determina, considerando este espacio virtual como la objetivación de praxis que superan límites espacio-temporales, relacionales y materiales que se imponen a la libertad humana. Sin embargo, hoy en día, la Era del Conocimiento ya pasó a la historia, así, todo que la identifica, como el ciberespacio, se presenta como contradicción a superar y a cada transcendencia, nuevas síntesis se crean, lo que configura nuevos estilos de proyectos de ser en el mundo.

Palabras clave: Ciberespacio. Era del Conocimiento. Psicología Existencialista Sartriana.

Introdução

Foi no período da Pós-Modernidade que se deu origem ao ciberespaço; seu prenúncio aconteceu em 1984, com a criação do conceito pelo escritor norte-americano, William Gibson, em seu primeiro livro de ficção científica, intitulado *Neuromancer*. Nessa obra, o autor visiona a sociedade pós-moderna com toda a intimidade que envolve a relação homem/máquina (Assis, 2010).

O ciberespaço como “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Lévy, 1999, p. 92) é uma plataforma de uma nova realidade humana, síntese das relações homem-máquina, homem-homem, cuja acronia e atopia ampliam os limites de possibilidades do homem, tanto às informações e comunicações quanto à sua criatividade.

Esse “mundo dos mundos” (Assis, 2010, p. 7) sem tempo e espaço, acelera e facilita a fragilização da narrativa histórica hegemônica que perdura até a Era Industrial, pela temporalidade que se contrai no instante, instaurado pela rapidez das ações. Essas características definem, assim, uma nova era: a do Conhecimento.

Em concordância com a compreensão sartriana sobre a construção da(s) realidade(s) humana(s) e da história por meio do movimento dialético de práxis individuais (Sartre, 2002), e a escassez de estudos no campo da Psicologia, buscamos refletir sobre uma das criações do atual momento histórico: o ciberespaço.

Para o existencialismo sartriano, o homem é produto e produtor de sua realidade, e esta também faz parte da história de outros homens, devido à relação de interdependência entre os homens e destes com o mundo. O caráter contraditório das relações que estabelecem no e com o mundo vis-à-vis não deixa de existir no ciberespaço. Contudo são as características do ciberespaço que demarcam o diferencial das relações: a ausência de tempo e de espaço, a relação com o outro na ausência do corpo físico. A instantaneidade e fugacidade dessas relações, as imagens como instrumentos hegemônicos de comunicação são exemplos que se apresentam como novas contradições a serem superadas, e, a cada transcendência, novas sínteses são criadas, o que configura novos estilos de projetos de ser num mundo virtual cuja realidade pode ser potencialmente atualizada (Lévy, 1999).

Da era industrial à era do conhecimento

Como mencionamos, o homem constrói, altera e é construído pelo mundo em que vive. De acordo com seus projetos, cria instrumentos e utensílios para atingir seus fins que, por sua vez, totalizados no mundo, começam também a fazer parte da história de outros homens, pois com eles irá se relacionar e transcendê-los. Como coloca Sartre (1987):

É, pois, perfeitamente exato que o homem é produto de seu produto: as estruturas de uma sociedade que se criou pelo trabalho humano definem para cada um uma situação objetiva de partida: a verdade de um homem é a natureza de seu trabalho e é seu salário (p. 157).

Assim, a síntese dos projetos humanos edifica novas formas de o homem se relacionar com os outros, com a materialidade, com a temporalidade e com o próprio corpo. As unidades sintéticas desses projetos se tornam história e, quando compreendidas por meio de uma organização temporal, caracterizam uma era.

Por essa maneira de compreender a realidade humana, podemos contextualizar a Era Agrícola como aquela em que o homem exercia o controle sobre todo o processo de seu trabalho, tanto sobre a matéria prima, passando pelos modos de produção, quanto o domínio dos instrumentos e, por fim, atribuindo um valor ao produto de sua ação, ou seja, um valor a si.

Mas a chegada da tecnologia, com a criação de máquinas, da eletricidade, da manufatura, entre outras que revolucionaram a indústria, não só limitou e tornou arcaica a produção do homem do campo como também gerou demanda de trabalhadores, cujas ações ocorreriam num novo cenário de produção: as fábricas.

Diante desse acontecimento, os artesãos viram-se compelidos a se deslocar para os centros urbanos, a fim de trabalharem nas fábricas, “já que não poderia(m) concorrer com elas” (Oliveira, 2004, p. 86). As ações passaram a ser controladas por meio de técnicas e o ritmo pelo tempo; o produto passou não mais a pertencer ao homem, tampouco o seu valor. Todas essas questões eram definidas por aqueles que se apropriaram do espaço físico, do tempo, dos instrumentos, dos produtos e, principalmente, do outro enquanto consciência e corpo. Assim, a organização social do trabalho iniciou sua trajetória de verticalização.

A modificação da forma de trabalho artesanal para industrial se deu de maneira radical e acelerada, promovendo uma ruptura de estilo de vida no meio de trabalho, de modo descontínuo e desorientado (Nicolaci-da-Costa, 2002).

Essas transformações advindas da tessitura industrial alteraram, de forma revolucionária, a vida dos homens, de tal maneira que eles não tinham o conhecimento do impacto que isso causaria em suas vidas. Com isso, o antigo modo de trabalho, a cultura, os hábitos, a política, a economia, entre outros, foram transcendidos, deparando-se o homem com uma nova realidade criada por ele próprio.

As novas tecnologias que emergiram nesse período histórico, também chamado de Idade Moderna, a ascendência das máquinas, a ênfase nas atividades comerciais, o trabalho operário e não mais artesanal tornaram a Revolução Industrial um período de destaque histórico que culminou com o nascimento do capitalismo (Ornellas & Monteiro, 2006).

Uma característica relevante da Idade Moderna é o fato de que o homem viveu em cidades com grandes concentrações populacionais, que exerceu ampla influência sobre sua vida social, sendo um palco central onde ocorreram fenômenos políticos, econômicos e culturais, envolvendo várias localidades distantes para dentro desse universo, não sendo a cidade somente uma questão de moradia ou local de trabalho do homem desse período (Wirth, 1979).

Com a Era Industrial, as cidades se posicionavam como matrizes dessas transformações advindas da tecnologia da época. Uma das preocupações da sociedade industrial era pautada pela busca da eficiência e produtividade, ou seja, produção maior em curto período de tempo. Essa mesma base de organização econômica impulsionou a transição da sociedade industrial para a sociedade do conhecimento. No período denominado de Revolução da Informação, “os trabalhadores começam a utilizar mais a informação do que meramente a produção de bens” (Ornellas & Monteiro, 2006, p. 554).

Comentam esses autores que, na Era do Conhecimento, novas tecnologias foram criadas envolvendo a comunicação, o que favoreceu as redes de interação com outros centros que, por sua vez, direcionaram para a globalização, expandindo os meios de informação não somente dentro das cidades matrizes, como também para outros polos econômicos.

A sociedade da informação, com seus avanços tecnológicos, possibilitou ao homem outras formas de agregar a inteligência humana, tanto em seu modo de trabalho como em aspectos relacionais. O conhecimento e a informação na Era do Conhecimento têm um papel de destaque na estratégia da nova ordem econômica (Gomez apud Lastres, 1999).

Lastres, Albagly, Lemos e Legey (2002) relatam que esse novo padrão econômico possibilita a produção e o consumo em massa, de forma desmaterializada e inorgânica, auxiliando no embate dos efeitos negativos sobre o meio ambiente. Dessa forma, a utilização da informação e do conhecimento como impulsionadores de produção sugere também uma alteração substantiva no modo e nas características do trabalho.

Castells (como citado em Lastres, 1999) denomina:

[...] a nova ordem como sociedade rede (*network society*): resultante da revolução das tecnologias da informação e da reestruturação do capitalismo. A nova ordem é então caracterizada pelo formato organizacional interativo pela transformação das bases materiais da vida, do espaço e tempo, bem como pela cultura da realidade virtual construída por um sistema de mídia pervasivo, interconectado e diversificado (p. 76).

O conhecimento, então, que antes se configurava como um apoio do poder monetário da força física, no contexto pós-industrial, torna-se a sua própria essência. Com isso, o controle do deste pelas vias de comunicação provoca uma corrida pela obtenção de novas fontes de conhecimento que detém um poder de revitalização da informação e produção de novos bens de consumo (Ponchirolli, 2002). Assim, o conhecimento, sendo inesgotável e renovável, configura uma vantagem em relação aos bens tangíveis e materiais, estes utilizados no modelo econômico anterior, que tem uma maior dificuldade na obtenção e renovação.

Nicolaci-da-Costa (2002) ressalta que a Revolução Industrial foi uma propulsora de mudanças sociais, políticas, culturais, relacionais, nos modos de trabalho, entre outros, isso também acontece com o advento da Era do Conhecimento. Nela, novas formas de organização social foram estabelecidas com a inserção do virtual e das redes. Nesse novo espaço, o imaginário é percebido como concreto, e essas alterações sociais inferem na modificação de comportamentos e também em uma nova forma de compreensão da realidade.

Dessa maneira, evidenciamos que o emprego de tecnologias ao longo da história da humanidade se apresenta como fator relevante nas modificações sociais. Com a Era do Conhecimento, o advento do virtual e da internet, o homem pôde ampliar e ressignificar seus modos de vida, além de expandir seus espaços de existência, vivenciando esse mundo não somente *vis-à-vis*, mas também no ciberespaço.

Mas afinal, o que é o ciberespaço?

O ciberespaço, segundo Lévy (1998), refere-se ao “universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural” (p. 104). Nos dias atuais, há várias vertentes que propagam a arte, ideologias, músicas, ideias políticas, culturais, entre outros movimentos que se originam na cibercultura.

O autor complementa que o ciberespaço conecta-se com diversas formas de tecnologia que têm habilidade de criar, gravar, comunicar e simular (Lévy, 1998). Assim, esse espaço se caracteriza como um lócus do saber, uma cidade de signos, uma maneira de difusão da comunicação e de pensamento dos coletivos humanos.

Com o desenvolvimento da internet e de outras tecnologias, que complementam esse canal de comunicação e de busca de informações, a sociedade atual passou a se apresentar como uma sociedade da informação. Com a ampliação do acesso a internet, buscou-se simular ao máximo a sociedade no estilo já conhecido, com

o objetivo de atrair um maior público. Essa nova realidade agregou uma nova forma de socialização e trouxe, como aspecto central, modificações nas formas de relacionamento, encontros, com aspectos afetivos e cognitivos atrelados (Honorato, 2006).

Ainda Honorato (2006) ressalta que, “até pouco tempo, as relações sociais se restringiam ao campo ‘corpo presente’, e hoje esse corpo se desloca, transcende a corporeidade para fundar um plano virtual de encontros” (p. 32, grifo do autor). Dessa forma, percebe-se que a relação de contato com o corpo concreto em lócus deixa de ser o único meio de socialização, levando a modificações nos fatores psicossociais.

O ciberespaço tem um elemento denominado comunidade virtual, que é organizada em torno de uma finalidade compartilhada por um conjunto de pessoas que estabelecem vínculos sociais e de pertencimento, diferenciando-se dos grupos e equipes tradicionais, principalmente pelo modo que ocorre a interatividade; auxiliados por tecnologias, cada integrante contribui, agregando algo na produção informacional e subjetiva (Ribas & Ziviani, 2008).

Outros fatores presentes na comunidade virtual estão relacionados ao tempo, que pode ser sincronizado (comunicação em tempo real), como programas de bate-papo, ou não sincronizado (comunicação em tempos diferentes), como e-mails. O espaço geográfico também se diferencia por não ser delimitado, sendo físico, apenas por intermédio dos aparelhos tecnológicos, como fibras óticas, computadores e smartphones que recebem essa transmissão virtual. A interação promovida pelo homem com esse novo território (ciberespaço) o impulsionou a imaginar e criar os elementos como a linguagem a ser utilizada nesse espaço (Ferreira, 2007).

Ribas e Ziviani (2008) afirmam ainda que a globalização, aliada com as tecnologias, redimensionou o espaço público por meio da conectividade e da interatividade dos indivíduos que também afetaram as relações de tempo e espaço, juntamente com as interferências culturais. Dessa forma, pode-se atribuir à internet o fato de ser o primeiro meio de troca de informações e de interatividade do ser humano em abrangência global, no qual o usuário se torna, simultaneamente, formulador e consumidor de informações.

Podemos perceber, por essa breve contextualização, que o homem transcendeu à materialidade, o corpo-máquina, o espaço concreto, o tempo cronometrado e as formas de relações com o outro da Era Industrial. Mesmo ainda presente, muito do que hoje se construiu nessa era ou já não faz mais parte do cotidiano dos homens ou compartilha espaço com uma nova realidade.

A capacidade, em cada ação, de o homem inventar o mundo e a si próprio, concretizando suas possibilidades, fundamenta-se pela superação das contradições destas partes, e, a cada síntese, uma totalização que inscreve no mundo sua história.

Para uma melhor compreensão das condições em que a existência humana é criada, contextualizá-la-emos a seguir, a partir do existencialismo sartriano.

As relações dialéticas

O mundo também é construído e organizado pelo homem, pois, se este não existisse, haveria apenas a realidade tal qual emerge da natureza. Dessa forma, o mundo se torna relevante porque o homem transcende aquilo que está posto e, com isso, formula significações, tornando a realidade bruta em realidade humana. Contudo o homem apenas se humaniza pelo fato de estar inserido em um contexto que disponibiliza mediações sociais e históricas. Assim, o homem está imerso em um processo de relações dialéticas, devido a sua condição de ser corpo/consciência (Schneider, 2011). A autora ainda afirma: “O corpo é seu primeiro contato com o mundo, a consciência é sua condição de estabelecer relações. Dessa forma, o sujeito é um conjunto de relações com a materialidade, com seu corpo, com os outros, com a sociedade, com o tempo” (Schneider, 2011, p. 114).

Podemos entender que o contato estabelecido pelo homem com tudo que não é ele coloca-lhe à presença as resistências à sua liberdade, de acordo com seu projeto de ser, este deverá ter a capacidade de efetuar ações que modifiquem o estado atual das coisas, transcendendo o contexto objetivo dado, visando a um novo estado objetivo almejado no futuro. Assim, a práxis projeta um salto frente a um fato existente (Perdigão, 1995).

Uma das condições ontológicas para que o homem se realize como projeto é visar a um futuro. Para isso, o movimento dialético sobre a realidade necessita de oposições que sejam guiadas por um processo temporal, visando ao futuro e a uma totalização. A dialética se constitui em um movimento de negação das realidades prévias, a partir da afirmação da possibilidade de construção de uma nova realidade e, para tal feito, necessita da temporalidade (Sartre, 2002). Isso quer dizer que é pela consciência (para-si) que a temporalidade é engendrada, como ratifica Silva (2008): “A relação entre consciência e mundo antecipa, também e por isso mesmo, a inserção da consciência nos três ek-stases temporais. Para isso, porém, o tempo deverá perder seu caráter de realidade, devendo ser engendrado pelo para-si” (p. 243, grifo do autor).

Pelo para-si, a dialética se sucede e adquire sentido, uma vez que a consciência é perpetuamente totalização em curso, tanto pela sua negatividade quanto pela capacidade de ser consciência de alguma coisa, não sendo essa coisa. É essa condição da consciência que faz com que o homem fracasse em seu intento de buscar seu fundamento em uma positividade, qualidade esta, somente da natureza e das coisas (em-si), que são fechadas em si por não terem consciência. No existencialismo sartriano, cabe à consciência (para-si), então, retirar as coisas (em-si) “de sua inércia” (Bettoni, 2001, p. 69).

A concepção sartriana, ao entender a práxis humana como movimento dialético, propõe o método progressivo-regressivo visando a compreender como o homem constrói a sua existência. Perdigão (1995) o explica:

Regressivo, porque regride a existência particular de um indivíduo, uma época, um grupo, um sistema cultural e social específico. Progressivo, porque recoloca o indivíduo ou o grupo no impulso do movimento histórico globalizante. Reconhece-se desse modo a originalidade irredutível de cada pessoa ou grupo e de cada fato histórico (p. 178).

Esse método dialético caracteriza-se pela busca de enriquecer o processo de totalização, visando a criar momentos a partir da ida ao futuro e o retorno ao momento atual e ao passado, sendo esse movimento impulsionado pelas lacunas vividas pelo indivíduo, com o objetivo de preenchê-las, pautando-se no projeto que este escolhe para a sua totalização. Sartre (2002) ainda ressalta que “esse projeto tem um sentido, não é a simples negatividade, a fuga: por ele o homem visa à produção de si mesmo no mundo como certa totalidade objetiva” (p. 112, grifo do autor).

Dessa forma, o homem não tem uma essência a priori, e sua condição, a liberdade, está implícita. Este não se encontra pronto, está por se construir e será precisamente aquilo que ele produziu com base em seu projeto e na forma com que lida com aquilo que está posto. Optar por um projeto faz parte de sua condição ontológica. Nesse processo de construção de sua singularidade, faz-se inserido em uma multiplicidade presente na coletividade; o homem necessita interagir com o outro, ser permeado pelos fatores históricos e, ao realizá-lo, dá início ao “processo de subjetivação e objetivação de seu ser no mundo” (Maheirie & Pretto, 2007, p. 457).

A materialidade é outra ambiguidade a ser resolvida pelo homem. Sua relação dialética com esta é de grande relevância, pois, ao buscar compreender “quem somos”, não entenderemos, se procurarmos essa definição “dentro de nós

mesmos” (Schneider, 2011, p. 117). Devemos, contudo, observar a realidade que nos permeia, os adjetivos que atribuímos à materialidade, as nossas diversas relações e as funções que os objetos têm sobre nós, uma vez que o homem intervém nas coisas na mesma proporção em que as coisas intervêm sobre ele.

Conforme já citamos, o homem é incondicionalmente corpo/consciência. O existencialismo sartriano se difere do método cartesiano de compreensão sobre esta unidade, que a entende de forma dissociada, porém para Sartre (1997), o corpo é percebido como integralmente psíquico.

Assim, a nossa relação com o corpo revela a nossa interação com o mundo, não como um instrumento, mas sim como uma forma de experimentação de ser, corpo como ser-para-si, sendo psicofísicos todos os acontecimentos psicológicos. O corpo não tem a existência somente para o indivíduo, pois também existe como ser-para-outro, e é na relação com o outro que o indivíduo se revela como “corpo em situação” (Schneider, 2011, p. 120), revelando também para si como corpo para-si-para-outro, ou seja, percebe-se a partir do olhar do outro. Dessa forma, sendo psicofísico, o homem é tanto corpo concreto (ser-para-si) como corpo abstrato (para-outro e para-si-para-outro).

O homem então, segundo relata Schneider (2011), é uma transcendência, visto que salta para além da situação e, transcendido, pode se tornar objeto. O corpo é facticidade dessa relação, pois é por ele que é firmado o contato com o outro, sendo objetivado reciprocamente.

Reverendo a questão da temporalidade para o existencialismo sartriano:

O tempo não constitui um processo do mundo objetivo que a consciência se limitaria a registrar, não é um objeto do nosso saber, mais sim uma dimensão do nosso ser, parte da estrutura da subjetividade. Nasce da minha relação com as coisas: a passagem de um “presente” a outro eu não assisto como espectador, mas eu a efetuo. “Nós é que fazemos surgir o tempo. Eu mesmo sou o tempo” (Perdigão, 1995, p. 73, grifo do autor).

Assim, Perdigão (1995) ressalta que a consciência percebe nosso corpo como passado, por isso que, para conseguirmos compreender um simples gesto, necessitamos nos dirigir ao futuro. A consciência transcende o corpo e o passado que se encontra em seu encalce; se permanecêssemos nessa instância temporal, sem visar ao futuro, não nos colocaríamos em ação. Diante dessas concepções, o existencialismo sartriano compreende que o futuro, entre os demais instantes, é o que detém maior peso na construção do homem, pois, ao visá-lo, o homem age em seu presente, levando em consideração seu passado, mas busca algo em seu futuro, quando tenta preencher suas faltas e concretizar seu projeto.

Dessa maneira, verificamos que a temporalidade é uma das formas de o homem vivenciar a realidade humana. Se o homem continua escolhendo-se de acordo com uma experiência já vivida, não é porque ele seja determinado pelo passado, mas sim porque suas escolhas continuam sendo as mesmas e, portanto, apresenta o mesmo projeto. Ter uma consciência crítica sobre o projeto caracteriza-se como ponto crucial nas escolhas do ser na busca de totalizar-se, que pode seguir o projeto ao longo do caminho ou modificá-lo, devido às imensas possibilidades que ele tem de vir a ser, pelo vazio que é e que insere no mundo.

Além dessas relações dialéticas citadas, a realidade humana ainda se constitui com a existência do Outro. Dessa forma, a relação estabelecida por esses homens dentro de um contexto acarreta na produção de intersubjetividades (Perdigão, 1995).

A realidade humana é atravessada por vínculos de reciprocidade, denunciando a necessidade do outro para realização de um projeto individual/coletivo, pois é pelo olhar do outro que colocamos no mundo o nosso ser (humano), que podemos captar e conhecer esse ser que somos para o outro, e, da mesma maneira, ocorre com o outro em relação ao seu ser para nós. A mediação é um aspecto de grande valia na realidade humana, pois somos meios para a realização do outro; sem essa interação, não nos humanizaríamos, não transcenderíamos à condição de animais. “O sujeito humano é social por condição, ele não se essencializa, não constrói seu ser, se não for ao meio de outros homens” (Schneider, 2011, p. 153).

Essa mediação, juntamente com os laços afetivos, ajuda o homem a definir e delimitar o seu ser, agregando a ele valores, concepções e sentimentos, levando a inferências na construção de seu projeto (Schneider, 2011). Porém essa relação é principalmente conflituosa, conforme nos mostra a famosa frase sartriana, “O inferno são os outros” (Sartre, 2006, p. 45), significando que, quando nossa liberdade é limitada pela liberdade do outro, colocamos o olhar do outro de forma a nos perceber de fora, possibilitando a ele realizar um julgamento sobre nós. Além disso, nós nos encontramos em perpétua ameaça e à disposição dos projetos alheios (Perdigão, 1995).

Observamos, na história da existência humana, que o homem, no movimento dialético de interiorizar o mundo e exteriorizar-se sobre ele, é capaz de ir além da concretude que o mundo lhe determina e do seu próprio fundamento (o nada). Transcende o tempo e a pretensa organização elementar que sobre ele é realizada (passado, presente e futuro), inclusive o espaço geográfico, seu corpo concreto e o corpo alheio construindo os corpos abstratos, a própria subjetividade que é objetivada pelas construções sociais, e a objetividade do mundo, cuja práxis a

torna objetividade subjetivada. Como dissemos, o homem é capaz de humanizar o mundo e ser objetivado por esse, na dialética entre determinismo-liberdade (Sartre, 1997).

Por essa possibilidade, transcende contextos espaçotemporais e relacionais que limitam sua possibilidade de ser. Cria instrumentos-utensílios, como meios de transportes e de comunicação capazes de contrair o tempo e o espaço, tecnologias eficazes na substituição da natureza corpórea, valores e crenças para convenções sociais.

Todas as transcendências realizadas pelo homem, de acordo com o que as unificam, podem ser compreendidas quando categorizadas em eras. Como mencionamos anteriormente, define-se a era atual de Era do Conhecimento, cuja característica principal é a transcendência da materialidade e as práxis concretizam e atualizam esse projeto com e através do ciberespaço.

Criado e mantido pelo homem, o ciberespaço é um projeto individual/coletivo, haja vista que cada indivíduo que o incorpora ao seu projeto singular está agregando a si projetos alheios e, ao agir nesse ambiente, soma a todos os demais projetos o seu próprio que, por sua vez, é também interiorizado por outros. Nesse palco, as relações também se dão de maneira dialética, contudo, de forma diferenciada do espaço ao vivo, tanto em sua materialidade, temporalmente, como nas ações e relações humanas.

Pela atualidade desse espaço e sendo este um ícone da Era do Conhecimento, empenharemos a seguir reflexões sobre ele, à luz do existencialismo sartriano.

Ciberespaço: uma síntese entre liberdade e facticidade

O ciberespaço se configura como um meio de socialização do homem, que, por meio de relações dialéticas, apropria-se, age sobre este espaço, sendo os instrumentos aplicados a essa rede novos meios de o homem conhecer e interagir com diversos contextos globais. Assim, “o computador torna-se uma extensão do corpo humano”, conforme explica Nicolaci-da-Costa (1998, p. 66), bem como o homem pode ter seu corpo fundido ou estendido por tecnologias, hibridizando-se em um organismo protético (Assis, 2010).

Para o existencialismo sartriano, o corpo e a consciência são indissociáveis, como já comentamos. Ao pensarmos no ciberespaço, como poderemos compreender essa associação? Como o homem insere o seu corpo e sua consciência nesse novo ambiente?

Uma das diferenciações do ciberespaço para o contexto ao vivo é o fato de que o primeiro não tem um espaço físico que suporte o corpo como concretude. Assim, as relações se dão na ausência do corpo organismo. Entretanto a consciência projeta-se no mundo pelo corpo, por meio de sua práxis, agindo e modificando seu contexto. Com isso, como esse corpo/consciência consegue agir nesse espaço, onde esse corpo é impossibilitado de estar presente?

Consideramos que o ciberespaço difere-se do mundo fora dele, mas em partes. O primeiro foi totalmente construído pelo homem, sem ter a propriedade natural que condiciona questionamentos sobre sua criação, inclusive a do homem. No ciberespaço o homem é seu criador. Tal como concebem as doutrinas criacionistas, que a humanidade, a terra e o universo foram criados por um agente sobrenatural e os evolucionistas delegam essa criação à própria natureza, o homem se apropria como o criador do espaço cibernético. Apesar de Lévy (1999) mencionar que a essência da cibercultura é ser universal sem totalidade, anunciando o paradoxo central: “Quanto mais universal (intenso, interconectado, interativo), menos totalizável” (p. 120), é também nesse espaço que o homem busca totalizar-se.

Na relação com o corpo, no ciberespaço, o homem se presentifica como ser-para-outro e ser-para-si-para-outro. Como corpo abstrato, concretiza suas ações nas imagens, linguagens, símbolos, programas, que buscam contextualizar, dar voz às suas emoções, cultura, vivências e ao projeto deste. O corpo como ser-para-si não está dentro do ciberespaço, mas se apresenta defronte do aparato tecnológico como o computador e todos os seus derivados que ligam os homens no ciberespaço. Sem corpo, não há consciência e, sem esta, não há criação. Dessa maneira, corpo e consciência continuam interligados na construção, manutenção e na relação com os demais usuários, a diferença é o lugar que o homem ocupa com seu corpo. Mas é graças à negatividade de sua consciência e à capacidade de transcendência desta que pode ir além do mundo ao vivo, presentificar-se no ciberespaço e, com isso, continuar a criar sua existência, na totalização em curso, só que em outro cenário, tal qual na história da humanidade, quando buscou transcender as condições limitantes de seu corpo. Da invenção da roda, para melhor locomoção na era primitiva, às ferramentas para a realização dos trabalhos artesanais na era agrícola, as máquinas na Era Industrial e as novas tecnologias na Era do Conhecimento, todas essas práxis foram motivadas pela angústia diante da relação contraditória entre liberdade e facticidade, ou seja, entre possibilidades e limites.

Nessa nova plataforma da realidade, o homem experimenta e conhece outras formas de ser, logo também realiza novos projetos de existência. Na relação com o outro, a internet agencia novos modos de relacionamento, o que nos leva a indagar se as relações no ciberespaço tornam as pessoas mais próximas ou

distantes. A atitude solitária diante dos aparatos que nos conectam em rede é um cenário contraditório. Contudo Angerami (2007) explica que “o confronto com a própria solidão, ao contrário do que possa parecer, leva o homem a busca de alternativas existenciais muitas vezes contrárias às formas desesperadoras e fechadas” (p. 21).

O fato de o homem estar à frente do computador pode ser uma possibilidade existencial de preenchimento do vazio, de significação do mundo que o cerca e também no relacionamento com o outro. Sendo a solidão uma condição ontológica do homem, esta se apresenta tanto na relação ao vivo como no ambiente virtual, e cabe ao homem encontrar formas de lidar com a angústia da solidão.

Ao pensar nos laços afetivos no ciberespaço, Castells (2006) pontua que a rede é um espaço apropriado para a diversidade de sua produção, sendo esses laços muitas vezes frágeis, úteis na divulgação de informações e levantamento de possibilidades. Uma vantagem da rede é a criação desses laços com pessoas até então desconhecidas, de um modo igualitário de interação, na qual os aspectos sociais têm menor influência. Percebe-se que, diferentemente da Era Industrial, na Era do Conhecimento, o homem tem uma ampla possibilidade de relações sociais que não se restringem mais aos limites de seu contexto físico, mas essa mesma amplitude limita o envolvimento necessário para apurar os critérios de julgamento.

Castells (2006) ainda pontua que há indícios de solidariedade mútua na rede, mesmo consistindo entre os usuários, laços transitórios entre si. A comunicação on-line promove um espaço para as pessoas se expressarem sem restrições, emitirem as suas opiniões, contudo essa exposição de opinião, muitas vezes sem o senso de alteridade que requer o cuidado com o outro, resulta, com a mesma agilidade e facilidade, no rompimento das relações.

Com relação à contradição entre o privado e o público, no espaço virtual, o limite entre esses contextos se torna mais tênue. Por um lado, o homem pode criar perfis mais próximos de uma imagem idealizada de si, se comparada ao mundo fora do ciberespaço; por outro, situações cotidianas e rotineiras, antes consideradas privadas, ganham amplitudes globais, proporcionando uma maior exposição do homem. Como coloca Debord (1997):

Boorstin, por exemplo, que descreve em *A Imagem* o consumo mercantil do espetáculo americano, nunca atinge o conceito de espetáculo, por achar poder deixar a vida privada do lado de fora, em sua noção de “mercadoria honesta”. Não compreende que a própria mercadoria fez as leis cuja aplicação “honestas” contamina tanto a realidade da vida privada como a sua conquista ulterior pelo consumo social das imagens. (p. 126-127, grifo do autor)

Com a globalização e o evento da internet, o privado se torna público sob a égide da imagem perfeita, tornando-se uma verdade no mundo, transforma-se numa verdade invertida, retornando ao privado como uma imagem mercadológica, haja vista que a ideia de ser visto e os objetos e adjetivos agregados ao homem dão expressão e valorização para este, sendo o ciberespaço também um palco de espetáculos, havendo uma necessidade de ser diferente e aceito pelo outro, a fim de se destacar no meio de tantos que usufruem essa rede. Conforme coloca Schneider (2011):

Uma das modalidades da presença do outro a mim é a objetividade que aparece na função do “olhar”. [...] quando o outro me olha, torno-me objeto aos seus olhos, pois sou visto ao modo do Em-si, na medida em que o outro me confere qualidades objetivas. (p. 148, grifo do autor)

Vale ressaltar que essa ação é recíproca, que tanto me torno objeto diante do outro quanto o outro se torna objeto para mim, tal qual fora do ciberespaço.

No tocante à relação ambígua com o tempo e o espaço concreto, Nicolaci-da-Costa (1998) afirma que os usuários consideram o ciberespaço um espaço real. Para isso, o homem também cria aplicativos que formulam uma noção de espacialidade e temporalidade nas redes sociais, a fim de marcar o seu espaço e tempo nessa plataforma. Podemos citar como exemplo a “linha do tempo” usada como perfil para os usuários do Facebook, viabilizando meios para que os integrantes da rede possam relatar sua história de vida e delimitar o tempo e o espaço dos acontecimentos. Além da linha do tempo, podemos citar aplicativos como o *foursquare* e o *check in*. A relação implícita do homem com a temporalidade e a espacialidade pode levá-lo a concretizá-las de alguma maneira, mesmo em outros contextos de existência.

Ao pensarmos como o homem lida com a temporalidade na Era Industrial e na do Conhecimento, percebemos, com base nas reflexões postuladas neste trabalho, que é a agilidade e o potencial de atualização da realidade no mundo virtual que fazem com que o agora, o presente, seja mais valorizado nesta última era. A instantaneidade por ofertar o prazer imediato, mesmo que fugaz e efêmero, fragiliza a importância do devir.

O presente oferta uma dimensão que tem a falsa pretensão de englobar todo o ser, ou seja, direciona-se um grande investimento nesse período temporal, em comparação ao futuro, pois o prazer tende a acontecer no agora, sem se oportunizar o aprendizado de lidar com a angústia da falta. Criações em prol

da instantaneidade podem ser saídas antropológicas contra a experiência da angústia temporal ontológica.

O projeto de vida do homem contemporâneo com o evento do ciberespaço é fugaz, em curto prazo, em moldes diferentes de temporalidade sobre a qual Bauman (2009) menciona ao lembrar “Jean-Paul Sartre a respeito da escolha do *projet de la vie*”:

A escolha do projeto de vida significa a “escolha das escolhas”, a metaescolha que determinaria de uma vez por todas, do princípio ao fim, todas as outras (subordinadas, derivadas, contingentes). Aprendemos com Sartre que para cada projeto haveria, em anexo, um mapa rodoviário e uma descrição detalhada do itinerário. Uma vez escolhido o destino, o resto seria apenas uma questão de determinar o caminho mais curto e menos acidentado com a ajuda do mapa de uma bússola e da sinalização. (p. 89, grifo do autor)

A Era do Conhecimento tende a fragilizar os projetos em longo prazo. Efêmeros, os projetos têm uma grande necessidade de revitalização e diferenciação dos outros que estão presentes não apenas em seu *locus* físico, mas no mundo com o qual ele interage por meio do ciberespaço. Essa necessidade de constante mudança também está associada ao modelo econômico vigente. Sob a máxima do consumo, as relações, objetos e informações caminham pela mesma senda da cultura do descartável, transcendendo a cultura de tradição das eras anteriores (Bauman, 2009).

Diante das reflexões realizadas, podemos considerar que a partir do ciberespaço, o projeto humano de superação de sua própria história teve significativas modificações que ocorreram na forma de o homem se colocar e agir no mundo, não se reduzindo mais ao ambiente ao vivo. O homem superou a maneira com que lidava com a materialidade, o tempo, o corpo e com o outro, e como em todo contexto existencial; toda a nova materialidade criada apresenta-se também como uma negatividade, uma possibilidade de não ser o que é. Assim, podemos, por este artigo, concretizar nossas reflexões sobre essa criação humana, mesmo que de maneira não tão abrangente. Somente foi possível por este já ter virado história, contudo esta não termina aí. Sendo o homem um *devoir*, resta-nos aguardar para saber sobre quais outras novas criações nos tornaremos também espectadores e participantes.

Considerações finais

Como já foi dito, as implicações e consequências da relação do homem com este novo contexto ainda não apresentam um desfecho nos postulados científicos devido às inúmeras reformulações do ciberespaço e da abrangência deste na vida do homem contemporâneo. Castells (2006) complementa que “a comunicação mediada pela Internet é um fenômeno social recente demais para que a pesquisa acadêmica tenha tido a oportunidade de chegar a conclusões sólidas sobre o seu significado social” (p. 442), o que podemos ratificar com as escassas produções científicas voltadas a esse tema, principalmente no campo da Psicologia.

Castells (2006) ainda traz o questionamento sobre considerar ou não as comunidades virtuais como comunidades reais. O autor pontua que a resposta é afirmativa e negativa, pois são comunidades, contudo não são físicas e não se constituem com base nos mesmos parâmetros de comunicação e interação das comunidades físicas. Entretanto esse fato não as torna irreais, pois se pautam em outra plataforma de realidade.

O homem criou o ciberespaço, sob a mesma condição ontológica que cria sua existência no contexto fora dele: para fugir de seu vazio em busca de sua totalização, e talvez tenha encontrado nessa nova plataforma melhores condições de concretização e atualização de seus projetos bem como maior rapidez no contato com o outro. Destarte, o que nos sugere é a contração do tempo e do espaço em que se dá sua totalização em curso, quiçá, como já colocamos, proporcionando-lhe alívio da angústia diante de seu vazio em tempos mais curtos, mas de maneira efêmera.

Com relação à plataforma virtual em si, observamos diversas opiniões. Por um lado, percebemos preocupações de alguns autores sobre os modos de existência que essa nova realidade também ajudou a criar, como Chauí (2006, 2010) e Bauman (1997, 2000, 2001, 2007, 2009), por outro, há os que o defendem, como Lévy (1999), Meira e Mosé (2009), entre vários outros que engrossam a lista de controvérsias sobre essa nova realidade.

É claro que o ciberespaço é bem mais abrangente do que pontuamos aqui, mas convém complementar que não tínhamos a pretensão nem condições de responder a todos os questionamentos relacionados à relação do homem com essa nova plataforma. Contudo acreditamos que as reflexões realizadas aqui, partindo das contribuições do existencialismo e de outros estudiosos do tema, podem instigar reflexões e pesquisas sobre o assunto, que ainda hoje são escassas.

Ao estudarmos um acontecimento histórico, no caso, o ciberespaço, não concebemos este como um evento totalizante. Não será essa nova plataforma de existência humana, que já se faz histórica, que definirá o futuro da humanidade,

mas sim as necessidades do homem e suas práxis individuais que são, ao mesmo tempo, totalizantes e totalizadas, que definirão o futuro que está por vir, bem como também poderão transcendê-lo.

O que podemos concluir, mesmo que somente até o momento, é que, como quaisquer outras construções humanas, o ciberespaço também se faz como um cenário repleto de contradições. É uma nova realidade sem volta, mas que há de ser transcendida pela própria característica de devir humano. Mesmo que ainda não saibamos o que está por vir, devemos considerar a relação entre liberdade e responsabilidade na construção da existência em qualquer contexto. Binômio da ética sartriana, liberdade e responsabilidade não devem ser cristalizados em seus antagonismos, mas conjugados, tal como alerta Bauman (2003), ao problematizar a ambiguidade entre segurança e liberdade para se ter uma vida feliz, quando, para tal conquista, é preciso que ambas estejam conjugadas.

Referências

- Angerami, V. A. (2007). *Psicoterapia existencial*. São Paulo: Thomson Learning.
- Assis, E. C. P. de. (2010, maio). Ciberespaço e pós-modernidade em *Neuromancer* de William Gibson. In *Anais do VI ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Salvador : UFBA : FACOM. Recuperado de <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24841.pdf>
- Bauman, Z. (1998). *O mal estar da pós-modernidade*. (M. Gama & C. M. Gama, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1997)
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2000)
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 2001)
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2007)

- Bauman, Z. (2009). *A arte da vida*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2008)
- Bettoni, R. (2001). Dialética e Sartre: uma possibilidade de se pensar a realidade. *Funrei*, 3, 61-70.
- Castells, M. (2006). *A sociedade em rede*. (R. V. Majer, Trad.). São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1997)
- Chauí, M. S. (2006). *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Chauí, M. S. (2010). *A contração do tempo e o espaço do espetáculo*. [Palestra]. Recuperado a partir de <http://www.cpfcultura.com.br/2010/09/03/cafe-filosofico-cpfl-especial-%E2%80%93-a-contracao-do-tempo-e-o-espaco-do-espetaculo-%E2%80%93-marilena-chau-i-e-olgaria-matos/>
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. (E. S. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto. (Trabalho original publicado em 1967)
- Ferreira, M. L. (2007). Ser para si e ser para o outro: intersubjetividade e virtualidade, um olhar sobre as comunidades virtuais. *Ciência & Conhecimento*, 3(10), 47-81.
- Honorato, E. J. S. (2006). Comunidade Virtual Orkut: uma análise psicossocial. In O. Z. Prado, F. Fortim & L. Cosentino. *Psicologia e Informática: produções do III Psicoinfo II. Jornada do NPPI*. (pp. 31-47). São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo.
- Lastres, H. M. M. (1999). Informação e conhecimento na nova ordem mundial. *Ciência da Informação*, 28(1), 72-78.
- Lastres, H. M. M., Albagly, S., Lemos, C. & Legey, L-R. (2002). Desafios e oportunidades na era do conhecimento. *São Paulo em perspectiva*, 3(16), 60-66.
- Lévy, P. (1998). *A inteligência coletiva por uma antropologia do ciberespaço* (L. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Loyola. (Trabalho original publicado em 1997)
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. (C. I. da Costa, Trad.). São Paulo: Ed. 34. (Trabalho original publicado em 1997)

- Maheirie, K. & Pretto, Z. (2007). O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. *Revista do departamento de Psicologia – UFF*, 2(19), 455-462.
- Meira, S. & Mosé, V. (2009). *O que pode a tecnologia*. [Palestra]. Recuperado a partir de <http://www.cpfcultura.com.br/2009/11/14/integra-o-que-pode-a-tecnologia-com-viviane-mose-e-silvio-meira/>
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (1998). *Na malha da rede: os impactos íntimos da internet*. Rio de Janeiro: Campus.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8(2), 193-202.
- Oliveira, E. M. (2004). Transformações do mundo do trabalho, da revolução industrial aos nossos dias. *Caminhos de Geografia*, 6(11), 84-96.
- Ornellas, T. C. F. & Monteiro, M. I. (2006). Aspectos históricos, culturais e sociais do trabalho. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59(4), 552-555.
- Perdigão, P. (1995). *Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM.
- Ponchirolli, O. (2002). O capital humano como elemento estratégico na economia da sociedade do conhecimento sob a perspectiva da teoria do agir comunicativo. *Revista FAE*, 5(1), 29-42.
- Ribas, C. S. C. & Ziviani, P. (2008). Redes de informação: novas relações sociais. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la información y Comunicación*, 10(1), 1-21.
- Sartre, J-P. (1987). *Questão de método*. (B. Prado Jr., Trad.). São Paulo: Nova Cultural. (Trabalho original publicado em 1960)
- Sartre, J-P. (1997). *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. (P. Perdigão, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1943)
- Sartre, J-P. (2002). *Crítica da razão dialética: precedido por questões de método* (G. J. F. Teixeira, Trad.). Rio de Janeiro: DP&A. (Trabalho original publicado em 1960)
- Sartre, J-P. (2006). *Entre quatro paredes*. (A. Araújo & P. Hussak, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1944)

Schneider, D. R. (2011). *Sartre e a psicologia clínica*. Florianópolis: Edufsc.

Silva, L. Donizetti da (2008). Tempo e temporalidade na filosofia de Sartre. *Princípios*, 15(24), 225-248.

Wirth, L. (1979). O urbanismo como modo de vida. (M. C. Treuherz, trad). In O. G. Velho (Org.), *O fenômeno urbano* (pp. 90-113). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)